



Notas Sobre Literatura Leitura e Linguagens 3

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

N899 Notas sobre literatura, leitura e linguagens 3 [recurso eletrônico] /
Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Notas Sobre Literatura, Leitura e Linguagens;
v.3)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-071-1
DOI 10.22533/at.ed.711192501

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Literatura – Estudo e ensino.
3. Linguística. I. Gomes, Angela Maria.

CDD 372.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens vem oportunizar reflexões sobre as temáticas que envolvem os estudos linguísticos e literários, nas abordagens que se relacionam de forma interdisciplinar nessas três áreas, na forma de ensino e dos seus desdobramentos.

Abordando desde criações literárias, contos, gêneros jornalísticos, propagandas políticas, até fabulas populares, os artigos levantam questões múltiplas que se entrelaçam no âmbito da pesquisa: Desde o ensino de leitura, de literatura em interface com outras linguagens e culturas que fazem parte do contexto nacional, como a indígena, a amazonense, a dos afros descendentes até vaqueiros mineiros considerados narradores quase extintos que compartilham experiências e memórias do ofício, as quais são transcritas. Temas como sustentabilidade, abordagens sobre o gênero feminino e as formas de presença do homem no contexto da linguagem também estão presentes.

Os artigos que compõem este volume centram seus estudos não apenas no texto verbal e escrito, mas nas múltiplas linguagens e mídias que configuram a produção de sentidos na contemporaneidade. A evolução da construção de novas composições literárias com uso de imagens, vídeos, sons e cores foi aqui também tema de pesquisas, assim como o uso das novas tecnologias como prática pedagógica, incluindo Facebook – mídia/rede virtual visual – e o WhatsApp - aplicativo para a troca de mensagens -. Falando em novas práticas, o estudo do modelo de sala invertida - Flipped Classroom - que propõe a inversão completa do modelo de ensino, igualmente foi aqui apresentado e estudado como proposta de prover aulas menos expositivas, mais produtivas e participativas.

A literatura é um oceano de obras-primas. Diante desse manancial de possibilidades, a apreciação e análises comparativas de grandes nomes apresentados aqui, incluindo William Shakespeare, Guimarães Rosa, Machado de Assis, João Ubaldo Ribeiro, Carlos Drummond de Andrade, Rubens Fonseca, Dias Gomes, entre outros, traz uma grande contribuição para se observar cada componente que as constitui. Desse modo, fica mais acessível a compreensão, interpretação e assimilação dos sentimentos e valores de uma obra, fazendo um entrelaçamento da leitura, literatura e estudos da linguagem.

Assim, esta coletânea objetiva contribuir para a reflexão conjunta e a conexão entre pesquisadores das áreas de Letras - Linguística e Literatura - e de suas interfaces, projetando novos caminhos para o desenvolvimento socioeducacional e científico.

Angela Maria Gomes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O EDUCAR PARA A VIDA: PONTOS DE DESENCONTROS ENTRE A EDUCAÇÃO E A VIDA EM DALCÍDIO	
Idalina Ferreira Caldas José Valdinei Albuquerque Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.7111925011	
CAPÍTULO 2	8
O ESPAÇO URBANO ENTRE MAZELAS, CONTRASTES SOCIAIS E VIOLÊNCIA EM FELIZ ANO NOVO E O OUTRO, DE RUBEM FONSECA	
Thalita de Sousa Lucena Silvana Maria Pantoja dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.7111925012	
CAPÍTULO 3	18
O ETHOS DAS CRÔNICAS DE MARTHA MEDEIROS E LYA LUFT SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DO DISCURSO EM MAINGUENEAU	
Giovanna de Araújo Leite	
DOI 10.22533/at.ed.7111925013	
CAPÍTULO 4	26
O GÊNERO MEMÓRIAS COMO OBJETO DE ENSINO NO AMBIENTE DIGITAL	
Karla Simões de Andrade Lima Bertotti Sandra Maria de Lima Alves José Herbertt Neves Florencio	
DOI 10.22533/at.ed.7111925014	
CAPÍTULO 5	37
O JORNAL ESCOLAR COMO LUGAR DE PRÁTICAS DISCURSIVAS E SOCIAIS: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE O GÊNERO EDITORIAL	
Magda Wacemberg Pereira Lima Carvalho Elisabeth Cavalcanti Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.7111925015	
CAPÍTULO 6	47
O LETRAMENTO LITERÁRIO E A INTERDISCIPLINARIDADE NO USO DO GÊNERO POEMA	
Gildma Ferreira Galvão Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.7111925016	
CAPÍTULO 7	58
O <i>PAGADOR DE PROMESSAS</i> E “O DIA EM QUE EXPLODIU MABATA-BATA”: CONFIGURAÇÕES TRÁGICAS	
Erenil Oliveira Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.7111925017	

CAPÍTULO 8	70
O PAPEL TRANSFORMADOR DA LITERATURA INFANTIL NA EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE: REFLEXÕES A PARTIR DE “A HISTÓRIA DO JOÃO-DE-BARRO”	
Laís Gumier Schimith Priscila Paschoalino Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.7111925018	
CAPÍTULO 9	86
O TEXTO LITERÁRIO NUMA PROPOSTA DE SALA DE AULA TECNOLÓGICA INVERTIDA	
Antonia Maria Medeiros da Cruz Maria Ladjane dos Santos Pereira Silvânia Maria da Silva Amorim	
DOI 10.22533/at.ed.7111925019	
CAPÍTULO 10	93
OS GESTOS DIDÁTICOS NO ENSINO DE GÊNEROS DE TEXTO	
Ribamar Ferreira de Oliveira Gustavo Lima	
DOI 10.22533/at.ed.71119250110	
CAPÍTULO 11	108
PARA ALÉM DOS LIMITES DA SALA DE AULA: NOVAS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA ATRAVÉS DO USO DO WHATSAPP NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA	
Jailine Mayara Sousa de Farias Barbara Cabral Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.71119250111	
CAPÍTULO 12	119
POR QUE SER UM CLÁSSICO? – NOTAS EM ABISMO SOBRE “SE UM VIAJANTE NUMA NOITE DE INVERNO”, DE ITALO CALVINO	
Patricia Gonçalves Tenório	
DOI 10.22533/at.ed.71119250112	
CAPÍTULO 13	129
POR UMA LINGUAGEM ÚNICA: A PICTOGRAFIA DE ANTONIN ARTAUD	
Jhony Adelio Skeika	
DOI 10.22533/at.ed.71119250113	
CAPÍTULO 14	146
PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA SOB A PERSPECTIVA INTERTEXTUAL COM ALUNOS DA ESCOLA BÁSICA	
Valeria Cristina de Abreu Vale Caetano	
DOI 10.22533/at.ed.71119250114	
CAPÍTULO 15	156
PRÁTICAS DE LEITURA NA AMAZÔNIA POR PERSONAGENS-LEITORES MARGINALIZADOS	
Regina Barbosa da Costa Marli Tereza Furtado	
DOI 10.22533/at.ed.71119250115	

CAPÍTULO 16	165
REPERTÓRIO DE VAQUEIRO: TRANSCRIÇÃO E NARRAÇÃO	
Joanna de Azambuja Picoli Maria de Fátima Rocha Medina	
DOI 10.22533/at.ed.71119250116	
CAPÍTULO 17	176
ROSAURA, A ENJEITADA (1883): EFÍGIE OU ESFINGE DE BERNARDO GUIMARÃES?	
Marcus Caetano Domingos	
DOI 10.22533/at.ed.71119250117	
CAPÍTULO 18	191
SUPRESSÃO DAS VOGAL /A/ INICIAL NO DIALETO MOCAJUBENSE	
Ana Cristina Braga Barros Many Taiane Silva Ferreira Maria Rosa Gonçalves Barreiros Murilo Lima de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.71119250118	
CAPÍTULO 19	199
UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE A VOZ DE SUCESSO NA REVISTA CARTA CAPITAL	
Thiago Barbosa Soares	
DOI 10.22533/at.ed.71119250119	
CAPÍTULO 20	214
VOZES MÚLTIPLAS NA CANÇÃO DE ITAMAR ASSUMPÇÃO	
Bruno César Ribeiro Barbosa Susana Souto Silva	
DOI 10.22533/at.ed.71119250120	
CAPÍTULO 21	226
“SUBA EM DIAGONAL, PARA A DIREITA, EM UM ÂNGULO OBTUSO, UNS 4CM”: DESCOMPARTIMENTANDO SABERES E HABILIDADES DE LEITURA EM MATEMÁTICA E EM LÍNGUA PORTUGUESA	
Adriano de Souza Sônia Maria da Silva Junqueira	
DOI 10.22533/at.ed.71119250121	
CAPÍTULO 22	238
A ATUALIDADE DA CRÍTICA DE LIMA BARRETO AOS PODERES CONSTITUÍDOS NA REPÚBLICA VELHA	
Renato dos Santos Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.71119250122	
CAPÍTULO 23	246
A PROSÓDIA DOS VOCATIVOS NO PORTUGUÊS DO LIBOLO EM FALA SEMIESPONTÂNEA	
Vinícius Gonçalves dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.71119250123	
SOBRE A ORGANIZADORA	258

O ESPAÇO URBANO ENTRE MAZELAS, CONTRASTES SOCIAIS E VIOLÊNCIA EM *FELIZ ANO NOVO E O OUTRO*, DE RUBEM FONSECA

Thalita de Sousa Lucena

Universidade Estadual do Maranhão / São Luís –
Maranhão

Silvana Maria Pantoja dos Santos

Universidade Estadual do Maranhão/ São Luís –
Maranhão

Universidade Estadual do Piauí / Teresina - Piauí

RESUMO: O presente trabalho propõe analisar o caos urbano à luz dos contos *Feliz ano novo* e *O outro*, de Rubem Fonseca com ênfase no contraste social e na violência. Desde que a cidade é tomada como produto de relações humanas, sua forma constitutiva tem se moldado por meio do trabalho, economia, possibilidade de trocas e também de transformação. Originada a partir do fenômeno coletivo, sua natureza reivindica agregar, proteger, proporcionar bem-estar, entretanto, na contemporaneidade, o espaço da urbe passa a se apresentar muito mais como lugar que segrega, hostiliza e expulsa, do que como espaço acolhedor, em meio a misérias, discriminações e transgressões que se mostram no cotidiano.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Espaço urbano. Disparidade. Violência.

ABSTRACT: The present work proposes to analyze the urban chaos in light of the stories *Feliz ano novo* and *O outro*, by Rubem Fonseca with emphasis on social contrast and violence.

Since the city is taken as the product of human relations, its constitutive form has been shaped by work, economy, possibility of exchange and also transformation. Originated from the collective phenomenon, its nature claims to aggregate, protect, provide well-being, however, in contemporary times, the space of the city begins to present itself much more as a place that segregates, harasses and expels, than as a welcoming space, in the midst of miseries, discriminations and transgressions that appear in every day.

KEYWORDS: literature, urban space, disparity, violence.

1 | INTRODUÇÃO

Buscar nos contos *Feliz ano novo* e *O outro* de Rubem Fonseca aquilo que cotidianamente ameaça os muros da cidade, o que toma a vida humana por entre mazelas e disparidades sociais, é o objetivo do presente estudo – que visa analisar tais questões pelos quadros dos sujeitos ficcionais. É de interesse também problematizar imagens urbanas relacionadas à violência e ao caos.

Conforme Ítalo Calvino (1990), a cidade tem duas faces: uma que se quer mostrar e outra que se quer esconder. A literatura

contemporânea tem se posicionado acerca da última, lado mais comprometedor. Antes de adentrar nessa discussão, faz-se necessário problematizar algumas questões que influenciaram na vida cidadina.

O final do século XIX e início do século XX foram marcados pela revolução tecnológica, que refletiu em transformações substanciais na economia, nas ciências e demais áreas do conhecimento. A velocidade da técnica que possibilitou o encurtamento da distância é também um aspecto que revolucionou o mundo moderno. A partir de então, a cidade passou a girar em torno do constante sentido de crescimento, dinamicidade e celeridade. Mas também a sofrer o *frenesi* de permanente sensação de desintegração, competição e inquietude.

Essa realidade alterou os costumes e os valores sociais. Como afirma Marshall Berman (1986), a essência do ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete autotransformação, mas ao mesmo tempo, ameaça destruir tudo o que se tem, sabe e sente. Partindo dessa premissa, pode-se dizer que a literatura contemporânea se preocupa com as desconstruções e heterogeneidades do novo modelo social, a partir da configuração humana incorporada pelo viés das narrativas.

As desconexões são a fratura exposta da sociedade, que, o escritor segundo Agamben (2009), deve suturar com o seu próprio sangue, embora tal processo não seja fácil, pois, a contemporaneidade “é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e ao mesmo tempo, dele toma distâncias” (AGAMBEN, 2009, p. 59). Nesse interim, encontrar esse lugar aparentemente ambíguo e extrair dele a falha para então repará-la, é o papel que o artista da palavra executa, uma vez que a realidade, por ela mesma, não consegue dar conta.

Muitas narrativas têm como foco principal situações desumanizadoras caracterizadas pela realidade social, que se exhibe enquanto expansão de possibilidades, ao mesmo tempo que se esfacela por meio da (auto) desordem, crimes, violências e inúmeros modos de miséria humana perpassados no perímetro urbano.

2 | AS CIDADES NUMA SÓ CIDADE: REFLEXOS DE SEGREGAÇÃO E VIOLÊNCIA

As transformações do cenário urbano iniciadas no final do século XIX e início do XX provocaram uma nova paisagem: ruas cederam lugar às grandes avenidas, antigas construções foram demolidas para adotar os novos padrões arquitetônicos, com o intuito de simbolizar o poder, a estabilidade e o *status* de cidade ideal, o que contribuiu para a desorientação do sujeito “por não saber que direção tomar, por onde ir, onde se está, referências estas que, no espaço construído são dadas pela percepção, através dos sentidos” (SANTOS, 1998, p.66). Além disso, a emergência da cidade passou a intensificar a polarização do espaço urbano, mediante a ordem da hierarquia social, estendida entre os agentes dominantes e os dominados.

Sendo símbolo de trabalho, a cidade cresceu em número de habitantes e

consequentemente em taxas de desemprego. A dificuldade em acolher seus habitantes também contribuiu para o surgimento de ocupações desordenadas, envoltas pela falta de saneamento básico, infraestrutura, situações precárias de vida e falta de segurança. Assim, os contrastes sociais das cidades passam a envolver problemas de violência e criminalidade nas esquinas, nos centros, nas praças e em todo encadeado urbano.

Tais situações acarretam imagens no aparelho psíquico, gerando tensão, ansiedade e insegurança. Conforme George Simmel (1987), a vida acelerada nas grandes urbes e as ameaças de sua ambientação externa envolve o homem em um sentimento de autopreservação pessoal e de indiferença em relação ao outro, o que provoca isolamento físico, o enfraquecimento das relações sociais e uma certa frieza para com os problemas que não diz respeito aos assuntos de ordem individual.

Em meio à sensação de constante perigo, a cidade também se fragmenta porque passa a apresentar territórios planejados que visam defender e amparar aqueles pertencentes às camadas favorecidas. Ainda assim a violência continua atuando como protagonista, uma violência que parte tanto dos sujeitos marginalizados, quanto de pessoas de camadas abastadas, a diferença entre ambos sujeitos reside na representação simbólica acerca dos seus respectivos lugares na estrutura social.

Como retrata Regina da Costa (1999, p. 4), “existem diferenças entre o gesto de um ladrão que mata por alguns trocados, a ação de gangues em bairros periféricos e o frequente desvio de grandes somas de dinheiro público por cidadãos “acima de qualquer suspeita” (COSTA, 1999. p.4). Em vista disso, a literatura toma a narrativa para focalizar as dimensões subjetivas da configuração humana nesse novo perfil de cidade, bem como o dilatar dessa realidade social que encena diferentes perspectivas e que procura engendrar o entrelace entre o real e o ficcional.

Como afirma Compagnon, a literatura detém um poder moral, que nos livra “das forças de alienação ou de opressão” (1950, p. 34). Diante disso, privilegia-se os contos *Feliz ano novo* e *O outro*, de Rubem Fonseca para se pensar a cidade nos seus contratos sociais. Para tanto, é necessário fazer algumas considerações sobre o escritor e seu fazer artístico.

3 | RUBEM FONSECA: ESTILO E LAPSOS DA CRÍTICA

“O poeta – contemporâneo – deve manter fixo o olhar no seu tempo [...] para nele perceber não as luzes, mas o escuro”. Se esta afirmação de Giorgio Abanbem (2009, p. 62) elenca uma lição aos literários, contempla Rubem Fonseca. Da irreverência ao erotismo, da solidão à violência nas cidades cosmopolitas, seu fazer literário circunscreve a diluição dos princípios morais da sociedade, como também a realidade dividida “entre a “cidade oficial” e “cidade marginal” (SCHOLLHAMMER, 2009.p.28).

Seus contos se destacam por centralizarem vozes excluídas: de bandidos, prostitutas, dentre outras, colocadas nos lugares mais recônditos da sociedade. A

classe elitista também atua na ficção fonsequiana com o intuito de evidenciar abuso de poder, corrupção e práticas hostis em benefício próprio.

Natural de Minas e carioca desde os oito anos de idade, Rubem Fonseca iniciou a carreira na polícia aos vinte e sete e sua vida literária aos trinta e oito com o livro *Os prisioneiros* (1963). Em 1975 publicou o livro de contos *Feliz ano novo*, censurado durante treze anos por ter sido considerado uma afronta à moral e aos bons costumes.

Pelas temáticas voltadas para a violência urbana e pela preferência por personagens representativos do meio jornalístico e policial, há quem pense que Fonseca apenas transcreveu para a ficção experiências reais de sua convivência, porém, Dalcastagné esclarece que:

Não há em Fonseca qualquer intenção de ser confundido com suas personagens, especialmente com seus marginais. Não se trata apenas de que o leitor pode chegar no texto sabendo que foi escrito por um ex delegado da polícia e advogado de multinacionais, o que já revelaria seu deslocamento em relação às personagens - mas as marcas de distinção se inscrevem na própria construção narrativa. (2012, p.25)

O cuidado do autor em se colocar apenas como veiculador da perspectiva e da dicção desses sujeitos ficcionais, dando-lhes vez e voz para conduzir o fio narrativo é, nada mais, que o encolhimento da distância aludida por Theodor Adorno (2003) sobre a relação do leitor com o narrador. De acordo com o filósofo, no romance tradicional o narrador trazia seu parecer diante da matéria descrita e o leitor mantinha “a tranquilidade contemplativa diante da coisa lida”, porém, no romance contemporâneo “o leitor é ora deixado do lado de fora, ora guiado pelo comentário até o palco” (2003, p.61)

Essa reelaboração de Fonseca na tessitura ficcional visa fortificar a sensação da realidade crua e direta de uma literatura que se assenta apenas na ação e nas falas dos personagens, deixando ao leitor a responsabilidade de conjecturar sobre os fatos. Na maioria dos seus contos, a violência urbana é uma constante que perpassa os sujeitos ficcionais de diferentes meios, ela espelha realidades sociais pautadas na desumanização no cenário citadino.

De acordo com Schollammer, essa temática na prosa de Rubem Fonseca se justifica porque:

A cidade, sobretudo a vida marginal nos bas – fonds, oferecia uma nova e instigante paisagem para a revitalização do realismo literário, enquanto a violência, por sua extrema irrepresentabilidade, desafiava os esforços poéticos dos escritores.

O horizonte citadino que se vislumbra nos contos de Fonseca busca trazer a perspectiva de vidas que se seguem entre contrastes sociais e a consequente luta por sobrevivência e/ou prosperidade. Nesse palco de representações humanas, Fonseca arrenda o gênero conto por seu caráter breve que compactua com o ritmo frenético da vida urbana.

O autor revitaliza-o, ao trazer as inquietudes individuais nem sempre resolvidas que se dão em circunstâncias variadas e refletem o consumismo, a precariedade, o amor às riquezas materiais, dentre outros fatores. Há também alguns aspectos estilísticos trazidos ao conto pela influência do cinema, como agilidade narrativa em forma de *flashes*, mudanças de foco, informações incompletas e falta de tempo para digerir realidades heterogêneas, em que as cenas do cotidiano se desenrolam diante dos olhos do leitor/espectador.

A linguagem é direta, constituída de palavrões, ironia, deboches e também vários jargões de delegacias e gírias próprias a determinados grupos, tudo isso com o propósito de reforçar a *verossimilhança* e acentuar as posições de cada sujeito no contexto em que estão inseridos. A prosa de Fonseca choca o leitor pelo modo como o trágico e as mais diversas perversidades são postas na armação do texto.

4 | CIDADE E VIOLÊNCIA EM DIFERENTES VOZES FONSEQUIANAS

É imprescindível pensar como os personagens se relacionam no corpo urbano, a partir da leitura dos contos *Feliz ano novo* e *O outro*. Em ambas, os narradores lançam olhares à subjetividade dos personagens, com ênfase nos conflitos humanos, no que tange às significações produzidas na estrutura social em que estão inseridos.

Nos contos em questão não é dada atenção aos espaços físicos da cidade, mas sim ao social, no entanto, como assevera Luís Alberto Brandão Santos, por meio dele “vão se definindo as condições históricas e sociais dos personagens, onde é possível detectar a correlação funcional entre os ambientes as coisas e os comportamentos” (SANTOS, 2001, p. 79).

O conto *Feliz ano novo* narra o assalto brutal realizado pelo narrador personagem (sem nome) e seus comparsas: Pereba e Zequinha, numa casa rica da Zona Sul do Rio de Janeiro durante o *réveillon*. Tais sujeitos pertencem às parcelas excluídas da sociedade. Os personagens assistem comerciais de TV sobre o luxo que envolve a ceia da virada de ano e esperam o dia raiar para se alimentarem das sobras dos despachos expostos à rua, porém, a chuva estraga a comida e a ideia do assalto é o único meio possível para a ocasião. No diálogo entre os personagens vê-se a fatalidade da vida ao cumprir tal destino: “Eu queria ser rico, sair da merda em que estava metido! Tanta gente rica e eu fudido” (FONSECA, 2012, p.13)

A ótica dessa queixa reflete sobre as condições sociais dos personagens, bem como sobre suas formas de pensar, sentir e agir. O contato dos personagens com os comerciais televisivos fortalece a percepção de seus lugares na hierarquia dos estratos sociais, causando uma certa revolta: “Vi na televisão que as lojas bacanas estavam vendendo adoidado roupas ricas para as madames vestirem no *réveillon*. Vi também que as casas de artigos finos para comer e beber tinham vendido todo o estoque”. (FONSECA, 2012 p.13)

Pierre Bourdieu (1989) afirma que a violência simbólica incide pelos instrumentos de imposição que asseguram a dominação de uma classe sobre a outra, e que apesar de sugerir a integralização da sociedade como um todo, ela apenas fortifica suas distinções. A mídia exerce esse papel ao trazer ao telespectador, padrões de vidas pautados no luxo, no bem-estar e no conforto que só um público restrito pode ter acesso. A configuração citadina também obedece essa lógica por todo um *éthos* que envolve os sujeitos da alta sociedade e que provoca um distanciamento cada vez maior das outras classes, a partir da carga de valores culturais e morais.

Por isso, convém dizer que por trás da utilização dos rendimentos financeiros como critérios de restringir as camadas sociais, há tantos outros aspectos que marcam os diferentes estratos, como a distribuição desigual do espaço citadino, o acesso aos bens culturais, as oportunidades, dentre outros. No conto em análise, o meio urbano é problematizado por essas divergências: há dois mundos que não se encontram e que provocam à urbe, marcas de estranhamento, ameaça e selvageria.

Dentre as prescrições de Borges Filho quanto aos efeitos do espaço na narrativa, há uma marca que prevalece no espaço inicial de *Feliz Ano Novo*, que é a de “caracterizar os sujeitos ficcionais pelo contexto socioeconômico e psicológico em que se enquadram”. (2007, p. 35). A condição do apartamento do narrador-personagem já reflete sobre a realidade em que os meliantes estão inseridos: o mau cheiro do banheiro, a falta de água, o elevador do edifício danificado e os móveis reduzidos à TV, caracterizam o lugar.

Em meio a situação de pobreza é possível prever suas atitudes, que segundo Borges Filho “já foram indiciadas no espaço” (2007, p.35). O prédio degradante está localizado em uma área privilegiada, na Zona Sul do Rio, próximo à praia. Assim, pode-se inferir a incongruência que Fonseca dispõe à realidade socioespacial dos grupos privilegiados, que pela lógica corresponde ao seu capital ou a classe que representam. Se o ato de segregação na sociedade contemporânea se apresenta como fuga da violência urbana, para os personagens meliantes, residir nesse mesmo espaço é nada mais que uma forma de tentar se equiparar aos princípios e gostos da classe abastada.

De acordo com Dalcastagné (2012), a vontade de possuir se apresenta como caso patológico nos pobres, ademais, o molde de vida da burguesia gera nesses indivíduos efeitos perversos de violência brutal, que se intensifica como resposta aos abismos sociais do mundo capital, instaurando assim um caos urbano. Na tessitura de *Feliz ano novo*, os personagens furtam um carro e seguem à procura do lugar ideal para realizar o assalto, eles não se sentem intimidados ao invadir a casa que está comemorando o *réveillon*, ao contrário: entram pela porta principal e se apoderam de um território que não lhes pertence, dentro dele assassinam a sangue frio e estrupam mulheres com frieza, sarcasmo e cinismo, para satisfazer o desejo de consumo e de vingança.

O modo como o narrador evidencia a simples infiltração nesse ambiente reflete a

fragilidade da segurança do espaço privado e suscita uma ponderação sobre o perigo avassalador que invade as dimensões sociais. A violência e a criminalidade extrapolam os limites do cenário urbano e surpreendem os sujeitos no conforto do próprio lar, porém, a armação que a ficção concede às perspectivas vividas pelos personagens traz ao leitor o revés da realidade que os levam a tomar essas atitudes transgressoras.

Quanto ao assalto realizado, o narrador não deixa de fazer referência à fatura da casa: “Em cima da mesa tinha comida que dava para alimentar o presídio inteiro” (FONSECA, 2012, p.16). Os artigos de luxo da residência também se contrapõem ao espaço de vivência dos meliantes: “O quarto da gordinha tinha as paredes forradas de couro. A banheira era um buraco quadrado grande de mármore branco, enfiado no chão. A parede toda de espelhos. Tudo perfumado” (FONSECA, 2012, p.16). O garbo em relação ao espaço dá margem para que o líder dos assaltantes seja tomado por uma ira que só é atenuada ao desfazer a ordem, o aroma e a beleza do lugar:

Voltei no quarto, empurrei a gordinha para o chão, arrumei a colcha de cetim da cama com cuidado, ela ficou lisinha, brilhando. Tirei as calças e caguei em cima da colcha. Foi um alívio, muito legal. Depois limpei o cu na colcha, botei as calças e descí. (FONSECA, 2012, p.16).

A violência sobre o espaço íntimo da casa repercute numa degradação com significado simbólico que se traduz na vontade do personagem em corrompê-lo por meio de um desprezo profundo, revestido de sensação de gozo em dominá-lo e poluí-lo. Se a perversão dos bandidos para com o ambiente assusta o leitor, a maneira como executam os sujeitos, intensifica o choque de experiência:

Seu Maurício, quer fazer o favor de chegar perto da parede? [...]. Mais um pouquinho para cá. Aí. Muito obrigado. Atirei bem no meio do peito dele, esvaziando os dois canos, aquele tremendo trovão. O impacto jogou o cara com força contra a parede. Ele foi escorregando lentamente e ficou sentado no chão. No peito dele tinha um buraco que dava para colocar um panetone. (FONSECA, 2012, p. 11)

A transgressão escancarada do narrador-personagem se apresenta em torno da desumanização e do ódio extremo para com o outro, a vida é depreciada e o ato de extermínio configura um espetáculo prazeroso para os delinquentes: o foco da violência incide em testar o poder da arma e se ela consegue pregar ou não o indivíduo na parede. Em momento algum, o remorso e a culpa eclodem no interior dos meliantes, pois o sentimento de revolta social em torno das hostilidades funciona como atividade terapêutica.

Além do mais, o tom em que o narrador apresenta os fatos, alude o efeito de humor que Schollammer perscruta como marca registrada das narrativas do escritor: “Fonseca cria uma posição estoica diante da barbárie, uma mistura de aceitação da realidade, na sua grotesca crueldade, e uma atitude de humor conformada com a existência humana” (2009, p. 41). Essa comicidade se acentua em *Feliz ano novo* pela

brutalidade da polidez dos infratores ao deixarem o local do assalto: “Muito obrigado pela colaboração de todos” e o remate final de comemoração: “que o próximo ano seja melhor. Feliz Ano Novo” (FONSECA, 2012, p.17)

Se em *Feliz ano novo*, as vozes dos excluídos trazem significações acerca da violência urbana por suas estratificações sociais, no conto *O outro*, Fonseca dá margem para a representação de um sujeito da classe dominante e as circunstâncias que os torna violento. Em linhas gerais, a narrativa gira em torno de um executivo que tem uma vida voltada exclusivamente para o trabalho, até que a sobrecarga de tarefas o consome a ponto de sofrer uma forte taquicardia.

Nesse interim, surge um pedinte que o surpreende com frequência e passa a incomodá-lo:

Todos os dias ele surgia, repentinamente, súplice e ameaçador, caminhando ao meu lado, arruinando a minha saúde, dizendo é a última vez doutor, mas nunca era. [...] Eu não queria mais ver aquele sujeito, que culpa eu tinha de ele ser pobre? (FONSECA, 2012, p.48).

Novamente o problema da desigualdade social vem à tona. Dada a estratificação social, o personagem se exime da culpa e atribui ao pedinte a causa de sua doença. Tal proposição reflete um alheamento quanto à percepção dos verdadeiros mecanismos que provocam as organizações desiguais. O modo como a cena urbana assiste à intolerância do executivo, coaduna com as colocações de Valencio (2008) sobre as condições dos sujeitos que vivem na rua: são vistos como “não pessoas” por aqueles portadores de certo prestígio social.

São pessoas estigmatizadas, vistas como ameaça e impureza dos espaços citadinos, atrapalhando o andamento das práticas vivenciadas na urbe. No decorrer dos fatos, o executivo age com austeridade: não há sequer preocupação com a condição miserável do pedinte. Suas ações são desprovidas de humanização.

Diferentemente de *Feliz Ano Novo*, o conto *O outro* não apresenta muitos diálogos e ações, a história é curta e gira em torno do que é dito pelo executivo, o que não deixa de trazer um conteúdo ideológico posto pelo narrador: o pedinte é a “coisa” que sufoca e interfere sua comodidade, como se percebe ao relatar a inconveniência que sofre ao sair do trabalho: “Vi que o sujeito que me pedia estava em pé, meio escondido na esquina, me espreitando, esperando eu passar. Dei a volta e caminhei no sentido contrário”. (FONSECA, 2012, p.48)

Ao longo das abordagens, o executivo não sabe distinguir a real fisionomia do pedinte: ora ele parece necessitado, ora hostil, por isso acaba ajudando-o com algum dinheiro. Contudo, o esgotamento do executivo vai se intensificando à proporção que é coagido a ampará-lo: “o senhor tem que me ajudar. [...] não tenho que ajudá-lo coisa alguma, respondi. Tem sim, senão o senhor não sabe o que pode acontecer” (FONSECA, 2012, p.48).

Diante disso, o narrador suspende o drama coletivo da realidade urbana

e deixa o leitor entrever tanto o lado ríspido do pedinte, quanto a sua condição de miséria e desagregação: “e ele encostou o seu corpo bem junto ao meu, enquanto caminhávamos, e eu pude sentir o seu hálito azedo e podre de faminto”. (FONSECA, 2012, p.48)

A forma como essas duas realidades colidem na tessitura do conto, amplia o *stress* do executivo, de tal modo que perde o controle de si e acaba de uma vez por todas com a persistência do pedinte. Imediatamente após assassiná-lo percebe que o outro era apenas “um menino franzino, de espinhas no rosto e de uma palidez tão grande que nem mesmo o sangue, que foi cobrindo a sua face, conseguia esconder” (FONSECA, 2012, p.49).

Com esse final trágico, Fonseca apresenta essa outra violência que explode da conjuntura urbana, cuja aceleração e medo não possibilita que se enxergue o outro como indivíduo. Quando sua quase humanização é restaurada, o dano irreparável já havia ocorrido.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na conjuntura moderna, a cidade esmaga e distancia cada vez mais os indivíduos, a partir dos lugares sociais em que estão inseridos. As narrativas fonssequianas projetam esse novo panorama no qual a urbe não se oferece mais como “universo seguido pela justiça ou pela racionalidade do espaço público, mas como realidade dividida” (SCHOLLAMMER, 2009, p.26)

A cidade é, então, geradora de hostilidade, segregação e conflitos humanos. As vozes ficcionais de Rubem Fonseca traduzem a obscuridade do meio social que se desvela em torno da crescente onda de banalização da violência e da coisificação do indivíduo. O fascínio pelo mal tomado por sujeitos de diferentes esferas e situações se instituem na tessitura literária como uma tentativa de produzir o choque que a ótica literária consegue exercer.

O novo perfil dos sujeitos citadinos se efetiva pelo desrespeito mútuo, perversão e indiferença, porém, se tais indícios se apresentam no universo ficcional é por ordem de uma possível elucubração em torno desse modelo desumano que se partilha a todo momento. Se os contos fonssequianos ironizam a agressão e a fratura humana por seu caráter *verossímil*, não seria uma tentativa de atingir a reflexão do leitor sobre o valor da vida na conjuntura atual?

Ora, tanto em *Feliz ano novo* quanto em *O outro*, Rubem Fonseca toma como referência central os agentes de violência. As vítimas, por sua vez, não ganham notoriedade em retratar suas experiências e traumas, por isso uma outra forma de apreensão sobre os aspectos dessa crueza humana e do cenário urbano se apresentariam, caso os sujeitos (meliantes, pedinte e executivo) tivessem espaço nas narrativas, mesmo assim o texto não deixa de propor o fechamento dessas lacunas ao

trazer à tona o torpor coletivo frente às atrocidades produzidas no seio urbano.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Giorgio. Posição do Narrador no Romance Contemporâneo. In: ADORNO, T. **Notas de Literatura** 1. Trad. Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.
- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios** – Chapecó, SC: Argos, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomáz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A. 1989.
- BORGES FILHO, Ozires. **Espaço e literatura: Introdução à Topoanálise**. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora. 2007.
- BRANDÃO, Luís Alberto. Sujeito, Tempo e Espaço Ficcionalis. **Introdução à Teoria da Literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Trad. De Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- COMPAGON, Antonie. **Literatura pra quê?** Trad. Laura Taddei Brandini – Belo Horizonte: Editora UFGM, 2009.
- COSTA, Márcia Regina da. **A violência urbana é particularidade da sociedade brasileira?** São Paulo perspect.; 13(4): 3-12, out – dez. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v13n4/v13n4a01.pdf>. Acessado: 07/06/17.
- DALCASTAGNÉ, Regina. **Literatura contemporânea: um território contestado**. Vinhedo, SP. Editora Horizonte, 2012.
- FONSECA, Rubem. **Feliz Ano Novo**. – [Ed. Especial]. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. (Saraiva de Bolso)
- MARSHALL, Berman. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Tradução: Carlos Felipe Moisés. Editora Schwarcs Ltda. São Paulo, 1986.
- SANTOS, Luís Alberto Brandão. **Introdução à teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea** – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- SIMMEL Georg. **A metrópole e a vida mental**. In: Velho. Otávio Guilherme (org.). O fenômeno urbano. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- VALENCIO, Norma Felicidade Lopes da Silva et al. **Pessoas em situação de rua no Brasil: Estigmatização, desfiliação e desterritorialização**. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 7, n. 21, pp. 556 a 605, dezembro de 2008.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-071-1

